



VOZ DA FÁTIMA

Nas alegrias da Ressurreição de Jesus nosso Salvador, garantia da nossa própria ressurreição e vida gloriosa no seio do Pai por toda a eternidade, a «Voz da Fátima» deseja a todos os Cruzados da Fátima, membros do Exército Azul e a todos os seus leitores e amigos as maiores bênçãos de Deus, e que todos vivamos «uma vida nova».

Director e Editor interino: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO L N.º 595
13 DE ABRIL DE 1972
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avenida

VALOR do ROSÁRIO NA IGREJA PÓS-CONCILIAR

AR NOVO SOBRE A IGREJA

A primeira Encíclica de Paulo VI, «Ecclesiam suam», está inspirada no propósito de facilitar a renovação iniciada pelo Concílio. Ainda não há muitos anos que terminou a grande assembleia. A incumbência da sua missão reformadora é incumbência desta hora eclesial. Não é pois estranho, injusto ou fora de propósito que um poderoso e influente espírito de renovação, mudança e novidade, se faça sentir em toda a vida da Igreja. Uma das muitas anedotas do Papa João XXIII refere que, para inculcar com precisão a uns interlocutores a finalidade do Concílio, fez abrir a janela da sua casa dizendo: *Ar novo sobre a Igreja!* Ar e «vento impetuoso» sobre a vetusta e enorme árvore eclesial, que ponha à prova os ramos válidos e fecundos e arrebathe os já envelhecidos e estéreis. Se eu falava de *vendaval* é porque o vendaval não é mais do que um vento incontrolado. João XXIII queria um ar refrescante e revivificador. Se não tivesse fechado a janela, um furacão não lhe arrasaria a casa?

Porque a urgência da renovação da Igreja é tão grande, a obra de renovação exige grande firmeza e ponderação, para não poupar o que deve desaparecer e destruir o que se deve conservar. Foi esta im-

prescindível ponderação que tornou necessariamente lento e interminável o trabalho do Concílio. Quem compare, por exemplo, o primeiro anteprojecto do esquema sobre a Liberdade Religiosa, apresentado à deliberação conciliar em 1963, com a declaração finalmente aprovada em 1965, dar-se-á conta do equilíbrio que exige uma renovação responsável e eficaz. É natural que, na Igreja, nem todos estejam dotados dessa justa moderação, que a Igreja possui em virtude da assistência divina. Contudo, essa falta de equilíbrio em muitos dos que, por responsabilidade ou pretensão, intervêm na tarefa renovadora, influi para que o vento se transforme em vendaval e o vendaval ponha em perigo até os melhores ramos da árvore da vida.

REQUISITÓRIO ANTI-ROSÁRIO

É este o caso do Rosário? Ou realmente o Rosário é uma das instituições que já cumpriram a sua missão e devem desaparecer? Pelo seu desaparecimento se manifestam, hoje em dia, não poucos, a julgar pelo que se escreve e, sobretudo, pelo que se ouve dizer ou contar. Prestemos atenção ao requisitório anti-Rosário.

● Continua na 2.ª página

Bom dia, Senhora!



COMO gosto de visitar-Te a esta hora tão matutina!

Venho até junto da Tua capelinha onde apenas vejo o sacerdote a celebrar missa e um fiel assistir. Tudo é silêncio na «Cova» e nas ruas e casas da povoação. Madruguei para chegar cedo ao trabalho, e faço um pequeno passeio solitário, carregado de ilusões que nascem com o dia que desponta.

Trago o jornal da tarde do dia anterior. Penso que poderia fazer-Te uma oração, singela, fervorosa, com o jornal nas mãos.

Parece-me que, ao voltar as páginas, cheias de tinta e de gravuras, eu poderia colocar diante dos Teus olhos esse rosário de notícias que as Agências lançam para todo o mundo.

Em grandes títulos, as guerras no Vietname, no Médio Oriente (nas terras onde Jesus nasceu e viveu), as emboscadas no Ultramar, os raptos, os escândalos de tantas vidas, trazidos à luz, quando deviam ficar bem escondidos. A morte de tantos seres desgraçados. Olha, Senhora, um ou outro sacerdote que é objecto de títulos grossos por se meter na política saindo das leis da Igreja, de Deus, da Autori-

dade Eclesiástica, e assim é impossível dar testemunho da vida evangélica. Tanto desastre, Senhora; entre tantos vejo o de um jovem que morreu na estrada. As estradas do mundo! Se tivessem cruzeiros os locais dos desastres, seriam mais do que os sinais de trânsito! Esse jovem morreu por excesso de velocidade. Deixou esposa e filhos. Os desportos. São as páginas mais importantes do jornal, talvez, porque para muitos é o mais importante da vida. É o futebol, é o hóquei, as voltas automobilísticas e de ciclismo. Todos querem saber quem corre, quem chega, quem ganha. E seria bom que nos déssemos conta de que todos devíamos participar noutras corridas, as do cumprimento do dever, do amor, a Deus e aos irmãos, ao sacrifício e ao trabalho. Mas para estas corridas não há inscrições. Se algum corre isolado, o seu exemplo de pouco serve e torna-se esquecido e abafado pelo tumulto das multidões.

Volto outras páginas. E que encontro, Senhora!? As gravuras de tantas donzelas a passarem por palcos de casinos e de salas de espectáculo, num espectáculo de imoralidade, de convite ao pecado, de degradação do pudor e da decência! Santo Deus, que loucura nestes concursos de «missas», a que tantas e tantas jovens se sujeitam, esquecendo que deveriam ser dignas de apreço as virtudes do pudor, da decência, da vergonha; que deveriam apresentar-se, sim, como exemplos de bondade, de arranjo do lar, de arranjo equilibrado do seu corpo, de jovens cheias de amor a Deus a irradiar juventude sã neste mundo de pecado, de ódio e desvergonha. Como se tapam os ouvidos aos ecos da Tua mensagem de há 50 anos neste local e ao teu lamento de que o pecado da luxúria é o que leva mais almas ao inferno!

Vejo ainda no jornal as páginas dos anúncios: a inquietação, a ansia dos que procuram uma casa para arrendar, a ganância e frenesim dos que procuram comercializar, vender, trocar tantos objectos; dos que procuram obter trabalho através do anúncio; dos que procuram um carro nem que seja em segunda mão. E fecho a última página com as mãos erguidas para Ti, Senhora, pedindo amor, carinho, compaixão e bênção para todos e para os que fizeram o jornal. E despeço-me, até breve. — FPO

NOVO CENTRO MUNDIAL DE PROMOÇÃO DA DEVOÇÃO AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Em 23 de Maio do ano findo, o movimento internacional do Exército Azul adquiriu o antigo convento das Irmãs Doroteias da cidade espanhola de Pontevedra, onde a Santíssima Virgem apareceu à Irmã Lúcia e lhe fez a promessa referente à prática dos cinco primeiros sábados.

Aquele movimento vai converter este antigo convento num centro mundial para a promoção da devoção ao Imaculado Coração de Maria.

O Exército Azul na Espanha tem como órgão a revista SOL DE FÁTIMA, que no seu número de Março-Abril tornou pública a notícia da compra do antigo convento e da sua adaptação para o fim acima indicado.

A mesma revista anuncia que no dia 17 de Novembro um grupo de dirigentes do Exército Azul foi a Moscovo e à Terra Santa para levar duas estátuas da Virgem que foram benzidas e coroadas pelo Sr. Bispo de Leiria. Este acto foi o cumprimento do último desejo do antigo Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, que dizia: «Vamos à Rússia levar a estátua da Virgem».

No corrente ano, as 70 imagens da Virgem da Fátima, que no ano passado foram coroadas, serão levadas em peregrinação pelos países onde já se encontram, estando a ser preparadas diversas manifestações de fé, sob a orientação dum sacerdote do Ceilão que já se encontra na Sede Internacional do Exército Azul, na Fátima.

Valor do Rosário |

Vem da
1.ª pág.

É evidente que a acusação principal é-lhe feita em nome da Liturgia. O Rosário, dizem, no fim de contas, teve a sua origem e cumpriu a sua finalidade em tempos de decadência litúrgica. Por falta de compreensão de suas celebrações litúrgicas, do acesso aos mistérios nela encerrados, de penetração da palavra que os revela, enfim, na falta de Hinos e Salmos, pai-nossos e ave-marias. Foi boa devoção em sua época medieval e para a fé infantil e para a piedade ingénua das gentes de então. Levada a efeito a restauração litúrgica e com ela o acesso à Palavra de Deus, a descoberta e a tomada de consciência do mistério pascal, revivido na celebração eucarística, o Rosário perdeu a sua razão de ser e o seu sentido. Será uma substituição desvantajosa e, enquanto tal, um prejuízo e um estorvo. Não se lhe deve reconhecer valor e vida no catolicismo adulto do II Concílio do Vaticano.

Estas são as acusações, que diremos, de maior vulto. As menores, não menos repetidas, são as de ser uma prática monótona, rotineira, superficial, etc. Para alguns o Rosário fica fora de combate com só pensar no seu carácter lendário e sua pretendida origem maravilhosa. O seu valor está condicionado pela autenticidade dessa origem.

Sem repetir exactamente as palavras de alguém, resumi o pior que por aí se diz contra o Rosário, embora seja pior, segundo consta, o que se faz contra o Rosário, que, às vezes, chega a irreverências incríveis.

NINGUÉM SE ASSUSTE

Mas ninguém se assuste, porque não é para assustar o que se alega, nem o são tão-pouco — digo-o sem desprezo — os que o afirmam. Não são, graças a Deus, os grandes representantes da ciência teológica ou da piedade cristã. E, ainda que essa acusação se faça em nome da necessária renovação da religiosidade, não acusam o Rosário os que sabem reflectir sobre essa renovação e medi-la, mas sim os que apenas lançam gritos e caem em extremos. O exagero é um recurso dos que pretendem chamar a atenção sobre suas afirmações ou sobre as suas pessoas, os que não são capazes de o conseguir com a exactidão da verdade. Até parece que o ter em menos conta o Rosário é hoje um reclame para ter êxito. (1)

Não se deveriam ter em conta estes «exagerados», se não causassem dano. Mas fazem-no, não certamente por suas razões, mas sim pela autoridade que representam e que se lhes reconhece.

É, pois, necessário contrabalançar a desorientação e prevenir ou remediar os males que se podem causar ou já foram causados aos fiéis. Convém, também, recordar a todos as razões da eficácia e do valor que tornam excelente e meritória esta devoção mariana. Esta é a razão e o fim deste trabalho, que de-

envolverá os seguintes pontos: — I.º Natureza do Rosário; II.º Que pensa a Igreja de hoje sobre o Rosário; III.º Os três grandes valores permanentes do Rosário; IV.º Problemática actual do Rosário.

I — NATUREZA DO ROSÁRIO

Sob modestas aparências, pode haver grandes realidades; há, no entanto, o perigo de que a superficialidade humana se detenha na modéstia aparente sem que descubra a riqueza oculta. Exemplo? O primeiro e o maior, o do próprio Cristo, cuja simples condição de homem oculta a tantos olhares a Sua condição de Deus. Outro exemplo pode ser o sacramento da Eucaristia. E na Igreja muitos mais podíamos apontar.

Porém, a nós importa-nos apontar o caso do Rosário. A sua aparência é tão simples que oculta a olhares superficiais a sua profunda riqueza, porque para muitos, e não só entre os simples fiéis, o Rosário não é mais do que uma mera recitação de Ave-Marias, intercaladas de dez em dez, por um facto evangélico, também conhecido e rotineiro. Deste conceito superficial, que muitos fazem do Rosário, deduz-se que o atributo objectivo mais impressionante de tal devoção é o ser pesado; a impressão subjectiva mais corrente é o tédio; e o juízo de valorização mais geral é a insignificância.

I — O QUE É E O PORQUÊ DO ROSÁRIO

A defesa e a recomendação fundamental do Rosário há-de consistir em dá-lo a conhecer. O que é realmente o Rosário? Em sua estrutura material está integrado pela evocação de quinze mistérios da vida de Jesus e de Maria, Sua Mãe, e pela recitação, à volta de cada mistério, de um Pai-Nosso, dez Ave-Marias e um Glória ao Pai.

Reflectindo um pouco neste conteúdo, apercebemo-nos de que os mistérios contemplados no Rosário são dos principais da vida de Cristo, nosso Redentor, e da Virgem, Sua Mãe, propostos nas três etapas de gozo, dor e glória, — mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos — gozo da Encarnação do Verbo, dor da Crucifixão e Morte de Cristo, glória da Ressurreição triunfante do Senhor. O Rosário, pelos factos que recorda, é um compêndio ou resumo da História da Salvação.

A recordação de cada um desses factos mais importantes vai acompanhada duma prece vocal, a mesma para todos, que é a oração dominical ou Pai-Nosso, recitado uma vez ao princípio, da saudação angélica ou Ave-Maria recitada, a seguir, dez vezes, e pela doxologia trinitária ou Glória ao Pai, rezado uma vez no final de cada dez Ave-Marias.

Esta é a estrutura ou composição material do Rosário. Qual é a sua razão de ser? É uma tríplice pergunta: a) Porque se evocam os mis-

térios da História da Salvação? b) Porque se evocam juntos os de Jesus e de Maria? c) Porque se acompanha a sua contemplação com uma oração vocal e concretamente essa oração?

A resposta adequada a estas perguntas é o propósito de todo este trabalho.

Mas, pelo que têm de inadiáveis para o leitor, daremos antecipadamente algumas respostas introdutórias, como para servir de aperitivo para o convite.

a) O ROSÁRIO EVOCA OS MISTÉRIOS DA SALVAÇÃO

O Rosário evoca os Mistérios da Salvação, porque é uma História viva, para não dizer a vida da mesma História. Evoca-os, porque são mistérios de vida, que não só a causaram mas também a causam. Cristo é, na Igreja, como uma árvore da vida. Os Seus mistérios são os ramos saltares desta árvore vivificadora. Recordar os mistérios do Salvador é como que aproximar-se da árvore, para colher de seus ramos os frutos vivificantes. O principal meio para isto é a Santa Missa; mas é também muito eficaz e muito conveniente o Rosário.

b) NO ROSÁRIO MARIA APARECE COMO MÃE DE JESUS E DOS REDIMIDOS

O Rosário une os mistérios de Jesus e da Virgem, porque, no plano divino, em Sua verificação histórica, em Sua eficácia salvadora e em Seus frutos eternos, estão indissolúvelmente unidos. O Rosário revive o Evangelho tal qual é. E, por isso, no Rosário, como no Evangelho, Maria é a Mãe de Jesus associada a toda a Sua obra de redenção, e, como tal, Mãe espiritual dos redimidos.

c) A PRÁTICA DO ROSÁRIO É CONATURAL À PSICOLOGIA HUMANA

Acrescenta-se a oração vocal, que é simultânea com a evocação dos mistérios, porque a oração-mental-vocal é conatural à psicologia humana, mormente à psicologia popular. Tem ainda a vantagem de ser um culto mais completo, realizado pela alma e pelo corpo, e a dar apoio e expressão, com o significado das orações vocais, ao pensamento e ao afecto interior dos mistérios.

A razão de serem essas e não outras as orações do Rosário é porque, como dissemos noutra ocasião, são insuperáveis pelo que significam, profundas no sentimento, precisas na composição, breves nas palavras, simples na recitação e muito adaptadas ao sentido dos mistérios.

1.º — EXCELENCIA DO PAI-NOSSO

A excelência da oração do Pai-Nosso foi objecto da maior admiração e louvor dos maiores pensadores cristãos. A sabedoria desta sublime oração reflecte a sabedoria infinita do seu Autor, o Divino Mestre, e resume todos os ensinamentos evangélicos. Tertuliano chamou-lhe *breviário e substância do Evangelho* e com razão, pois já nas duas primeiras palavras, «Pai Nosso», se contém todo o dogma cristão. Tem ainda a vantagem de ser norma de vida e norma de oração. De vida, porque, além de ensinar ao cristão que a sua conduta deve ser a de filho de Deus, indica-lhe o que deve amar, desejar e pedir e a ordem divina como o deve amar, desejar e pedir. Norma de oração também e norma insuperável de oração, ao ensinar que o cristão

● Continua na página 3

Porque chorava Nossa Senhora?

Quando entrei na capela, esta manhã,
Nossa Senhora chorava.
Porque chorava assim a Mãe de Deus
Quando o Seu doce olhar os Céus fitava?

Eu vi. Tenho a certeza. Devagar,
Mas muito devagar, devagarinho,
Uma lágrima descia dos Seus olhos
E traçava no ar o seu caminho.

O sol, que a irisou, bebeu-a certamente,
Pois não caiu no altar. E, quando a procurei,
Já não era a Senhora que chorava...
Fui eu que então chorei!...

A Mãe de Deus, no mesmo olhar de dor
Que dirigiu ao Filho sobre a cruz,
E que então lhe perdeu todo o seu brilho
Que deu à Humanidade a própria Luz,

Não chorava decerto a crueldade
Da ironia do Povo ao Seu olhar profundo,
Mas por ver que perdera o Filho amado
E não salvara o Mundo!...

DRA. D. VIRGÍNIA GERSÃO

Valor do Rosário

Vem da
pág. 2

deve comunicar-se com Deus e pedir-Lhe, como um filho se comunica e pede a seu Pai: como filho de Deus a seu Pai celestial.

2.º — EXCELENCIA DA AVE-MARIA

A Ave-Maria, pròpriamente dita, é a saudação que o arcanjo S. Gabriel dirigiu à Virgem, quando lhe anunciou a sua escolha para Mãe do Filho de Deus. «Quando, portanto, a chamamos «cheia de graça» saudando-a com as palavras do Anjo, e quando formamos uma coroa com a repetição deste louvor é quase impossível dizer quanto lhe agradamos, pois de cada vez lhe recordamos a sua dignidade sublime e a redenção do género humano, que Deus começou a realizar por Ela e a união perpétua e divina, que a fez participante das alegrias e dores, das humilhações e triunfos de Cristo, para a direcção e assistência dos homens no caminho da eternidade».

Recordemos o famoso comentário de Lacordaire: «Quando a Virgem ouviu, pela primeira vez, a Ave-Maria da boca do Anjo, concebeu logo em suas puríssimas entranhas o Verbo de Deus. E agora, sempre que lábios humanos repetem estas palavras, que foram um sinal da sua maternidade, comovem-se suas entranhas ao recordar o momento semelhante ao qual jamais houve outro no Céu e na Terra».

A Santa-Maria, elaborada pela piedade da Igreja, é a expressão amorosa da sua confiança filial em Maria, sua Mãe Santíssima.

3.º — EXCELENCIA DO GLÓRIA AO PAI

O Glória ao Pai é a fórmula mais usual na Igreja, para glorificação da Santíssima Trindade, como homenagem, ao mesmo tempo, de amor, de adoração e de louvor ao Deus misericordioso, que Se dignou revelar-Se-nos e introduzir-nos no mistério sacrossanto da Sua divindade. A Igreja costuma usar o Glória ao Pai no princípio e no final de suas orações, como aspirações e resumo de suas práticas religiosas.

No Rosário, tem o Glória ao Pai profundo significado e oportunidade admirável. O reconhecimento e a glorificação da Santíssima Trindade é o fim essencial da Redenção e, portanto, dos mistérios de Jesus e de Maria, que se comemoram no Rosário. Mas, além disso, a excelência infinita da Trindade, que Jesus possui como Unigénito do Pai, reflecte-se soberanamente em sua Humanidade santíssima e também, de um modo inefável, na Virgem Maria, Primogénita do Pai, Mãe do Filho e Sacríario do Espírito Santo. O Glória ao Pai, no Rosário, proclama a gratidão cristã pelo dom desta excelência, comunicada pela Santíssima Trindade à Humanidade

de Cristo e a sua Mãe cheia de graça. Esta mesma glorificação é também agradecimento à Trindade divina, pela humanização do Verbo e pelos outros mistérios redentores, que nos merecem compartilhar da vida e bem-aventurança eterna da gloriosíssima Trindade.

A repetição do Glória, no final de cada dezena rosariana, recorda e realiza o sentido último e supremo do Rosário: o seu sentido teocêntrico: «Só a Deus honra e glória».

2 — O ROSÁRIO: MEDITAÇÃO E SÚPLICA

Da própria composição do Rosário ressalta a sua dupla finalidade: *oração de meditação e oração de súplica*. É uma finalidade dupla e simultânea, mas de igual importância. A superioridade, que têm os mistérios sobre as fórmulas vocais, tem no Rosário a íntima consideração dos mistérios sobre a reza das orações deprecatórias. A meditação no Rosário é não apenas o seu elemento principal, porque mais perfeito e proveitoso para quem o reza, mas é ainda causal e formal, visto que o conceito e o afecto dos mistérios é o que deve dar sentido e sinceridade à prece. Esta, no Rosário, há-de ser a expressão espontânea e cordial do apreço íntimo do mistério. É o espírito teológico e religioso do cristão, que se apodera dos mistérios divinizados de Jesus. É a adesão viva da fé, a segurança gozosa da esperança, a gratidão, a oblação e a súplica da religiosidade que fazem do Rosário comunicação e convivência com Jesus e com a Virgem e que há-de ter autêntica ressonância na repetição de suas preces.

Esta interdependência conatural da meditação e da oração vocal no Rosário explica, ao mesmo tempo, a sua complexidade natural e a sua unidade essencial. É complexidade, porque é meditação e oração vocal; é, apesar de tudo, uno porque a oração vocal é o efeito próprio da meditação. Mais. Digamos que a oração vocal não quebra a unidade do Rosário, porque nele é a meditação que reza.

A dificuldade, tantas vezes ouvida, duma dupla atenção simultânea ao sentido do mistério e ao sentido das orações vocais, é mais aparente do que real. S. Tomás distingue na oração uma triplíce atenção: a) — a atenção à *recta pronúncia das palavras*; b) — a atenção ao seu significado; c) — a atenção ao fim da oração, isto é: a Deus e ao que se pede. E esta atenção da mente a Deus, diz o Santo, é a mais necessária e pode ser tão intensa que se esqueçam todas as outras coisas.

Segundo isto, a melhor atenção na reza do Rosário, é a atenção aos mistérios. Mas advertindo, além disso, que o significado do Pai-Nosso, da Ave-Maria e do Glória ao Pai é o mesmo significado substancial dos mistérios: o melhor re-

sumo do seu conteúdo íntimo. Sirva-nos de exemplo o mistério da Encarnação.

Neste mistério, o Filho de Deus torna-nos participantes da Sua filiação divina e, como a filhos de Deus e Seus irmãos, co-herdeiros do Seu reino. Não é isso o que pede o Pai-Nosso?

Neste mistério, intervém toda a Augusta Trindade e, graças a Ela, se realiza a nossa associação à Sua vida divina e à Sua glória. Não exprime este sentimento o Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo?

Neste mistério, Maria é saudada «cheia de graça», como digna Mãe de Deus, e é constituída nossa Mãe e Advogada. Não é justo que A proclamemos assim com o Ave da saudação angélica?

Deste modo, a compenetração entre os mistérios e as orações vocais simplifica a atenção, pois detendo-se nos mistérios dá sentido às palavras: e, se se detém nas palavras, é-se ajudado a passar aos mistérios.

Esta rápida imagem do Rosário era necessária e será suficiente como porta de entrada na informação e no estudo que devemos ao leitor.

NOTA

(1) Parece, dizemos, porque a verdade é que o bom sentido cristão dos fiéis não comunga nesta atitude anti-rosariana. Há boas provas, al-

gumas muito soadas. Uma das grandes campanhas do Rosário em família do P.º Peyton encontrou dificuldades na resistência e na hostilidade de certos sectores católicos. Comentando este modo de proceder com o próprio P.º Peyton, limitou-se a dizer-me: o povo deu a sua resposta. Efectivamente, o povo, apesar da propaganda dissuasória, respondeu em cheio à campanha. Outro caso «soado», que está na memória de todos, foi o (artigo) editorial do Catolicismo (revista) em Junho de 1964, o qual, escrito em tom irónico, foi geralmente interpretado como um violento ataque ao Rosário. A reacção de protesto em todos os sectores católicos da Espanha foi fulminante e clamoroso. A Hierarquia teve de intervir «ante o volume que na opinião pública havia tomado a interpretação do artigo... e dado o clima de paixão e confusão que se tinha criado em todo o âmbito nacional». Verificou-se então, graças a Deus, que o (artigo) — editorial ironizava não contra o Rosário mas sim contra os detractores. Estes receberam uma boa lição. Contra o Rosário não valem brincadeiras ambíguas e muito menos verdadeiras ofensivas.

M. LLAMERA, O. P.

(Em Teologia Espiritual n.º 31, vol. XI, transcrito na revista «Rosário de Maria», Fev.º de 1972)

Vida do Santuário

FEVEREIRO

DIRIGENTES DA ACÇÃO CATÓLICA NUM CURSO DE FORMAÇÃO

As direcções nacionais da LAC/LACF realizaram no Santuário, de 18 a 20, um curso de formação (animação de grupos) em que participaram 65 dirigentes de quase todos os pontos do País.

Da maior actualidade no nosso tempo e do maior interesse para o trabalho apostólico, o curso foi orientado pelo Rev. Dr. Evaristo de Vasconcelos, assistente da Direcção Nacional da LAC/LACF, e teve a presença de outros sacerdotes assistentes de várias dioceses.

MARÇO

PEREGRINAÇÃO MENSAL

Numerosos pescadores das praias da Torreira e da Murtosa tomaram parte nas cerimónias efectuadas em honra de Nossa Senhora da Fátima, no dia 13 de Março.

Presidiu à peregrinação o Sr. Bispo de Leiria e assistiram aos actos o seu Bispo Auxiliar, os superiores de alguns seminários da Cova da Iria, vários outros sacerdotes, seminaristas e muito povo.

As cerimónias realizaram-se na Basílica que se encheu de fiéis.

A missa oficial foi celebrada às 11 horas pelo Sr. P.º José Serra Brum, superior do Seminário de Pio XII da Fátima, que ao evangelho fez a homilia apropriada.

Os doentes assistiram à missa nos primeiros bancos da Basílica. Junto destes, médicos e numerosos servitas de ambos os sexos prestaram assistência e dirigiram os actos.

Antes da missa, efectuou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora desde a capelinha.

Na altura da comunhão comungaram muitas centenas de peregrinos. A comunhão

foi distribuída pelos dois bispos e por diversos sacerdotes.

Finda a missa, o Sr. Bispo de Leiria recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria, e o Sr. Bispo auxiliar deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes.

Por último, o Sr. D. João Pereira Venâncio rezou com o povo pelas intenções do Santo Padre, pelos servitas, pelo bom êxito das comemorações centenárias do Sr. D. José Alves Correia da Silva e pela paz em todo o mundo.

As cerimónias terminaram com a recondução da imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições.

FALECEU REPENTINAMENTE NO SEMINÁRIO MONFORTINO UM SACERDOTE HOLANDÊS

Foi encontrado morto, no seu quarto, o Padre Francisco Roex, da Congregação dos Padres Monfortinos.

Na véspera o P.º Francisco havia estado a conversar com os seus confrades até cerca da meia-noite, depois de ter feito uma viagem em que fora motorista do carro, e nada fazia presentir a sua morte tão próxima.

Natural da diocese de Limburgo, na Holanda, o Padre Francisco Roex tinha 54 anos e há 14 anos que se encontrava no nosso País, tendo exercido os cargos de Superior e Ecónomo do Seminário do Anjo de Portugal da Congregação Monfortina, na Fátima.

A sua morte tão inesperada causou profunda impressão nos sacerdotes e alunos do Seminário, bem como em toda a população da Cova da Iria, onde o Padre Francisco era muito estimado.

O seu funeral efectuou-se para o cemitério paroquial da Fátima, depois de missa concelebrada de corpo presente, presidida pelo Provincial da Congregação e em que tomaram parte um representante do Sr. Bispo de Leiria e numerosos sacerdotes. — S. I. S.

Como eu vejo a Fátima

(Impressões dum Peregrino)

GOSTO de ir à Fátima; gosto mesmo de ficar por lá uns dias a saborear a espiritualidade que irradia da simplicidade de todo aquele ambiente.

A Fátima, vista à superfície, aparece apenas como uma mole de cantaria, mais ou menos bem arquitectada, a emoldurar a grandiosa e magnífica esplanada que reúne as multidões aos pés da Virgem aparecida. Encarada simplesmente por este prisma, a Fátima seria mais um de tantos monumentos que se visitam e admiram no seu conjunto ou em cada um dos seus pormenores, para se ficar por aí. Mas não; a Fátima é mais e muito mais do que isso. A Fátima tem uma alma, tem uma espiritualidade, que anima e imprime salutar dinamismo a tudo quanto os olhos aí podem contemplar. Só quem, através da oração e reflexão silenciosa, consegue descobrir essa alma, poderá compreender que a Fátima, na realidade, não é um lugar qualquer e que o comportamento das pessoas que aí vão não poderá ser menos digno.

A Fátima, mais do que um lugar, é um grito do Céu; é uma mensagem de reconciliação, trazida aos homens pela própria Mãe de Deus, para lhes recordar docemente a sua dimensão sobrenatural e eterna, quando o materialismo e a impiedade se empenhavam, de mãos dadas, em fazê-la esquecer. A Fátima é como que uma nova Páscoa (passagem do Senhor) para libertar da impiedade e suas perniciosas consequências a quantos quiserem atender a voz maternal de Maria, dirigida a todos os homens de boa vontade, na pessoa dos seus três humildes confidentes — os pastorinhos.

Quem vai à Fátima e não procura escutar esta voz que ressoa através das próprias pedras do Santuário, comprometer-se de alma e coração e res-



Aquele é Jesus

— Minha mãe, quem é Aquele Pregado naquela cruz?
— Aquele, filho, é Jesus...
É a santa imagem d'Ele!

— E quem é Jesus? — É Deus!
— E quem é Deus? — Quem nos cria,
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os céus;

E veio ensinar à gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmãmente:

Todo amor, todo bondade!
— E morreu? — Para mostrar
Que a gente pela Verdade
Se deve deixar matar.

JOÃO DE DEUS

ponder-lhe numa atitude de verdadeira conversão interior, não descobriu nem levou consigo a alma ou o espírito da Fátima, a única coisa que aí importa descobrir e assimilar. A Fátima não é para se ver à superfície, ou para entrar na rota turística; a Fátima é para fazer sentir e viver em profundidade o acontecimento que ela evoca e como que torna presente

em cada um dos seus monumentos — a mensagem de penitência, oração e emenda de vida.

À Fátima, portanto, não se deve ir de qualquer maneira, como a um lugar qualquer, como já alguém pretendeu aleivosamente insinuar. Quem aí for nessa atitude de espírito seria melhor não ir.

PEREGRINO OBSERVADOR

Plano de Urbanização da Fátima

Esteve na Cova da Iria o arquitecto Rui de Sousa Cardim a quem a Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém encarregou de efectuar o estudo da remodelação do Plano de Urbanização do aglomerado da Fátima.

A evolução da parte urbanística, sob os mais variados aspectos, há bastante tempo que impunha a necessidade de rever um plano concebido há cerca de 25 anos e que determinados factores forçavam a ser constantemente alterado, o que levou agora a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização a tomar a iniciativa, sob proposta da Câmara de Vila Nova de Ourém, duma revisão total do plano.

A Fátima e o Luxemburgo

Lemos no número de Fevereiro deste ano do jornal «Contacto» — órgão mensal da associação «Amizades Portugal-Luxemburgo» — que o Senhor Bispo de Leiria oferece aos emigrantes portugueses no Luxemburgo uma bela imagem de Nossa Senhora da Fátima.

A colónia portuguesa radicada no Grão-Ducado pensava oferecer uma imagem de Nossa Senhora da Fátima exactamente igual à que se encontra na Cova da Iria ao povo e à Igreja luxemburguesa.

A ideia ganhou corpo, galgou fronteiras, e, sabendo das intenções dos emigrantes, o Senhor Bispo de Leiria, com paternal alegria, apressou-se a oferecer a estátua que será solenemente entronizada no Luxemburgo com a presença, segundo se espera, do Sr. D. João Pereira Venâncio e do Director Nacional da Obra Católica Portuguesa das Migrações. A data ainda não está marcada.

Mistério de Fidelidade

EXPLICAÇÃO

Em artigo publicado no jornal «VOZ DA FÁTIMA» de Março do corrente ano, insistia na indissolubilidade do matrimónio. E assim deve continuar, pois o pensamento de Cristo está bem claro no Evangelho.

Dizia ainda que, infelizmente, há países com leis que facilitam o divórcio, tanto a matrimónios civis como religiosos.

Apenas aludi ao facto. Não emiti qualquer juízo de valor sobre o mesmo. Não pensei nem em refutar nem em aplaudir tais leis. Simplesmente aludi à existência de tais leis civis para dizer que, apesar de todas as leis dos governos, o matrimónio

é e continuará indissolúvel.

Lamento que alguns leitores tenham interpretado mal as minhas palavras.

PEDROSA FERREIRA

Graças do P. Kolbe

Escreveu-nos a Senhora D. Fernanda Gherman, juntamente com a sua mãe D. Maria Laura Almeida Lins, do Recife, Brasil, a comunicarem-nos graças recebidas do P.º Kolbe, depois de terem lido casualmente na Voz da Fátima a heroicidade deste Servo de Deus, grande devoto e propagador da devoção à Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

A «Voz da Fátima» apenas publica as graças recebidas por intermédio de Nossa Senhora ou dos videntes Jacinta e Francisco, por não dispor de espaço para mais. Por isso, avisamos os nossos leitores de que não nos peçam que publiquemos outras graças, como por exemplo, do P.º Cuz, P.º Kolbe, etc.

Novos chefes da Pia União dos Servitas

De 10 a 12 de Março, reuniram-se na Casa dos Retiros 95 membros da Pia União dos Servitas para tomarem parte no retiro anual. Foi conferente o Rev.º P.º Vítor Feitor Pinto, de Lisboa.

O retiro encerrou com um jantar de confraternização presidido pelo Sr. Bispo de Leiria com a presença do seu Auxiliar.

Antes, efectuou-se a Assembleia Geral da Pia União, durante a qual se procedeu à eleição dos novos chefes gerais para o próximo triénio. Foram eleitos o Sr. Francisco Figueiredo Lacerda e D. Maria Teresa Correia de Oliveira. O Director é o Rev.º P.º Manuel dos Santos Craveiro.

Na gravura ao lado assinalam-se os dois chefes gerais que serviram nos últimos 3 anos: Sr.º D. Filipa Moura Neves e Sr. José Marques Abreu.

